

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

KARINA ZUMESTEEN

A TRADUÇÃO DE IDIOMATISMOS NA OBRA *CINZAS DO NORTE*

BAURU

2021

KARINA ZUMESTEEN

A TRADUÇÃO DE IDIOMATISMOS NA OBRA *CINZAS DO NORTE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Letras-Tradutor – Centro
Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leila M. G. Felipini

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Z93t	Zumesteen, Karina A tradução de idiomatismos na obra Cinzas do Norte / Karina Zumesteen. -- 2021. 19f. : il. Orientadora: Prof.^a Dra. Leila Maria Gumushian Felipini Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Tradutor) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP 1. Tradução Literária. 2. Idiomatismos. 3. Estratégias de Tradução. I. Felipini, Leila Maria Gumushian. II. Título.
------	---

KARINA ZUMESTEEN

A TRADUÇÃO DE IDIOMATISMOS NA OBRA *CINZAS DO NORTE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte dos requisitos para obtenção do
título de bacharel em Letras-Tradutor – Centro
Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Leila M. G. Felipini (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. Me. Gustavo Inheta Baggio
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Cássia de Pardo Fanton
Centro Universitário Sagrado Coração

A TRADUÇÃO DE IDIOMATISMOS NA OBRA CINZAS DO NORTE

Karina Zumesteen¹; Leila Felipini²

¹ Aluna do curso de Letras-Tradutor no UNISAGRADO

² Professora do curso de Letras-Tradutor no UNISAGRADO

RESUMO

O idiomatismo estabelece um grande desafio à tarefa tradutória, tendo em vista que seu significado é construído de maneira singular pelos falantes da língua, restando ao tradutor encontrar uma correspondência interlínguas. Essa busca demanda que o tradutor se atente à ingenuidade de se prender a uma compreensão literal do significado. Levando isso em consideração, esta pesquisa teve explorou as escolhas tradutórias para idiomatismos na obra *Cinzas do Norte*. Para tanto, identificamos idiomatismos na obra em língua inglesa, *Ashes of the Amazon*, analisamos as escolhas do tradutor, verificando as estratégias utilizadas na busca por equivalentes, e, por fim, sugerimos recursos para esse tipo de tarefa tradutória. Trata-se de um estudo exploratório de cunho qualitativo realizado por meio de uma análise comparativa entre texto de partida em língua portuguesa do Brasil e texto de chegada em língua inglesa. A análise realizada foi de conteúdo e abordou as escolhas lexicais e as estratégias de tradução, de acordo com Tagnin (1988). A análise demonstrou que o tradutor soube captar a essência de grande parte dos idiomatismos analisados, traduzindo a partir das estratégias de equivalência pragmática e explicitação.

Palavras-chave: Tradução Literária. Idiomatismos. Estratégias da tradução.

ABSTRACT

Idioms are a big translation challenge since their meanings are constructed singularly by the speakers of a language. Thus, the translator must find an interlingual correspondence between the source and the target languages which demands the translator to be aware of the non-compositionality of idioms. This study explored the translation choices for idioms in the novel *Cinzas do Norte*. We identified the idioms in the work *Ashes of the Amazon*, analyzed the translation choices and verified the strategies used. We also suggested resources for this type of translation task. This qualitative exploratory study consisted of a comparative analysis between the source text in Brazilian Portuguese and the target text in English. A content

analysis, which addressed lexical choices and translation strategies, was carried out according to Tagnin (1988). The study showed the translator captured the essence of most of the idioms analyzed through the strategies of pragmatic equivalence and explicitation.

Keywords: Literary Translation. Idioms. Translation strategies.

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

A tradução da literatura brasileira para o inglês teve início graças a viajantes estrangeiros na América Latina. Dentre eles, destacam-se, por seu trabalho pioneiro, Richard e Isabel Burton, exploradores britânicos. Isabel Burton, em 1886, realizou a primeira tradução para a língua inglesa de uma obra brasileira, intitulada *Iracema*, sob o título *Iracema the Honey-Lips: A Legend of Brazil* (MELO, 2017). De acordo com Batista e Vieira (2009), Richard Burton contribuiu na disseminação de duas obras brasileiras no mundo anglófono, numa época em que o Brasil se preocupava em estabelecer uma identidade cultural. De acordo com Melo (2017), Richard Burton, em suas traduções, explorava as imagens de um país exótico e diverso, ressaltando a cultura indígena e as paisagens naturais.

Apenas em 1940, houve um aumento significativo do número de traduções de obras literárias brasileiras, quando editoras norte-americanas e britânicas pareciam ter descoberto parte do cânone literário brasileiro (MELO, 2017). Dentre as obras traduzidas, citamos: *Inocência*, de Visconde de Taunay; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Canaã*, de Graça Aranha; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade; *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo; e *As três Marias*, de Rachel de Queiroz.

O projeto “Conexões Itaú Cultural – Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira”, que teve início em 2008, concluiu que a língua portuguesa era vista como inferior se comparada a outros idiomas e que essa visão subalterna é até hoje um dos aspectos que dificulta a disseminação da literatura brasileira no exterior. Melo (2017) corrobora essa ideia, afirmando que o português é visto como uma língua periférica pelo sistema de tradução.

Mudar essa visão depende, em partes, da qualidade da tradução de obras brasileiras para outros idiomas. Para isso, faz-se necessário que os tradutores se preparem por meio do estudo a fim de adquirir ou aprimorar o que conhecemos como competência tradutória. Albir (2005) define competência tradutória como:

[...] o conhecimento especializado que consiste em um sistema subjacente de conhecimentos, declarativos e, em

maior proporção, operacionais, necessários para saber traduzir, que está composto por cinco subcompetências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psicofisiológicos (p. 28).

A subcompetência bilíngue compreende os conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais enquanto a subcompetência extralinguística consiste em conhecimentos sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares. Já a subcompetência de conhecimentos sobre a tradução se refere aos princípios teóricos que norteiam a tradução e os aspectos profissionais dessa área. A subcompetência instrumental, por sua vez, consiste em conhecimentos relacionados ao uso das fontes de documentação e das tecnologias de informática e comunicação aplicadas à tradução. Por fim, a subcompetência estratégica possui um caráter central, já que controla o processo tradutório (ALBIR, 2005).

No que se refere à subcompetência bilíngue, é de grande relevância, por exemplo, que tradutores tenham conhecimento da convencionalidade na língua para realizar traduções naturais e adequadas de expressões idiomáticas, já que a ausência desse conhecimento pode gerar o “tradutor ingênuo”. Para isso, podem ser usados recursos como ferramentas de *corpora* para encontrar soluções de uso corrente na língua. O uso desses recursos está relacionado ainda com as subcompetências instrumental e estratégica.

De acordo com Tagnin (2002), o tradutor ingênuo é aquele que se prende a uma compreensão composicional do significado, ou seja, ele pode não entender idiomatismos por serem expressões que não podem ser compreendidas pelo significado individual de suas partes, o mesmo pode ocorrer com referências humorísticas e fórmulas discursivas. Desse modo, a ingenuidade do tradutor pode impedi-lo de alcançar soluções naturais e fluídas.

A Linguística de *Corpus* é um ramo da Linguística que verifica aquilo que é produzido por falantes reais da língua sob investigação (ALVES; CECÍLIO, ORENHA-OTTAIANO, 2020). De acordo com McEnery e Hardie (2012), *corpus* é um compilado eletrônico de textos escritos ou de registro oral produzido por pessoas reais. Desse modo, a partir de ferramentas de *corpora* (plural de *corpus*) é possível não apenas encontrar soluções corretas, mas também naturais na língua em um contexto autêntico de uso. Portanto, este recurso é de extrema relevância para assegurar uma tradução fluida (TAGNIN, 2002).

Um estudo conduzido por Tagnin (2002) demonstrou que, em termos de convencionalidade, o dicionário não dá conta de fornecer soluções para o tradutor, já que não é capaz de acompanhar a criação de novas colocações. Com a busca em ferramentas de *corpora*,

por outro lado, é possível encontrar as formas mais usuais na língua, garantindo, assim, uma linguagem natural à tradução.

Considerando o exposto, temos como objetivo geral explorar as escolhas tradutórias para idiomatismos no par de línguas português brasileiro e inglês; e como objetivos específicos identificar idiomatismos na obra em língua portuguesa do Brasil; verificar as escolhas tradutórias na obra em língua inglesa; discutir essas escolhas; verificar as estratégias utilizadas na busca por equivalentes para idiomatismos; e sugerir recursos para esse tipo de escolha tradutória.

Nesta pesquisa, o interesse se concentra na versão feita para o inglês da obra *Cinzas do Norte*, escrita por Milton Hatoum e publicada em 2005. A obra foi vertida em 2008 por John Gledson, crítico literário especializado em literatura de língua portuguesa, pela Bloomsbury Publishing, situada em Londres.

Para discutir os excertos selecionados nas obras em língua portuguesa e inglesa, buscamos suporte nas teorias de Tagnin (1988), Bassnet (2014), Venuti (1995) e Albir (2005).

O objetivo da tradução é permitir que leitores tenham acesso a textos que, de outro modo, não seriam compreensíveis a eles. Essa é uma atividade que traz consigo grande responsabilidade, afinal, o que é dito em uma língua nunca pode ser reproduzido de modo idêntico em outra. Isso não se dá apenas porque línguas são diferentes, mas também porque culturas são diferentes (BASSNETT, 2014). Um exemplo um tanto polêmico dessas imprecisões são as expressões idiomáticas, uma vez que é muito difícil definir se o equivalente em língua estrangeira tem o mesmo significado e a mesma precisão de frequência em nossa língua (XATARA; RIVA; RIOS, 2001). É possível, apesar disso, estabelecer uma correspondência idiomática entre ambas (ibidem).

Na tradução literária, duas abordagens tendem a ocorrer com frequência: a domesticação e a estrangeirização. A primeira consiste na ocultação de diferenças linguísticas e culturais, levando a uma maior compreensão geral do texto, já que os elementos estrangeiros são substituídos por elementos da cultura-alvo. A segunda, por outro lado, consiste em destacar a cultura do texto de partida, fazendo com que o leitor tenha contato com elementos estrangeiros, o que leva a um aumento do seu repertório cultural (VENUTI, 1995).

A tradução domesticadora depende da habilidade do tradutor de criar um texto fluente e fluido, como se tivesse sido escrito originalmente na língua de chegada (BASSNETT, 2014). Tal abordagem pressupõe a invisibilidade do tradutor, ou seja, o texto traduzido apresenta uma leitura tão fluida, sem nenhum tipo de peculiaridade linguística ou estilística, que a tradução não parece de fato ser uma tradução, mas sim o texto de partida. Essa ilusão de invisibilidade,

de acordo com Venuti (1995), é um efeito do discurso fluido: “quanto mais fluida for a tradução, mais invisível será o tradutor, e, presumivelmente, mais visível será o escritor ou o sentido do texto estrangeiro” (tradução nossa, *ibidem*, p. 2-3).

Na busca por esse texto fluido, o uso de estratégias de adaptação se faz necessário. Consideramos como adaptação o uso de uma estratégia que busque uma assimilação cultural, ou seja, que estabeleça uma equivalência parcial de sentido considerada suficiente para os objetivos daquela tradução (Aubert, 1998). Para nos aprofundarmos nessa questão, abordaremos o conceito de idiomatismo na sequência.

Xatara (1998) define idiomatismo como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (*ibidem*, p. 149). Ou seja, os idiomatismos são construções próprias de uma língua, cujo significado não pode ser apreendido pelo significado individual de seus termos constitutivos e cuja forma foi convencionalizada pelos falantes da língua.

Esses idiomatismos conferem um grande desafio ao tradutor, tendo em vista a dificuldade de se definir se o significado do equivalente em língua estrangeira é idêntico ao usado em nossa língua (XATARA; RIVA; RIOS, 2001). Isso se dá porque o significado de um idiomatismo é construído a partir da cultura, de maneira singular pelos falantes da língua. Resta ao tradutor encontrar uma correspondência interlínguas, dada a dificuldade de haver um idiomatismo idêntico em língua estrangeira.

Tagnin (1988) salienta a importância de distinguir os idiomatismos do que a autora chama de expressões convencionais. A autora define esta última como expressões que são semanticamente transparentes. Tagnin (1988) exemplifica da seguinte maneira: a expressão “pôr para dormir” é uma expressão convencional com sentido denotativo, enquanto a expressão “soltar os cachorros em cima de alguém” é idiomática, pois possui um sentido conotativo que é “descompor alguém”. Outro exemplo, dado por Xatara, Riva e Rios (2001), é a expressão “procurar uma agulha na gaveta”, a qual pode ser entendida de modo literal. Por outro lado, a expressão “procurar uma agulha no palheiro” possui um sentido conotativo, a saber, procurar algo que é quase impossível encontrar.

Tagnin (1988) denomina idiomatismos culturais aqueles que, além de não poderem ser entendidos de modo literal, transmitem informações culturais. A autora exemplifica com o feriado estadunidense “Labor Day”, o qual não poderia ser traduzido literalmente, embora exista o “Dia do Trabalho” no Brasil. Tal impossibilidade de tradução literal se dá por conta de datas e significados diferentes. Desse modo, uma tradução literal não transmitiria um dado cultural dessa expressão da língua de partida.

Tagnin (1988, p. 44-45) apresenta seis estratégias possíveis para a tradução de idiomatismo cultural, a saber:

Tabela 1 – Estratégias de tradução

Estratégias de tradução	
1	Manter a expressão na forma original.
2	Manter a expressão na forma original acrescida de nota explicativa.
3	Traduzir literalmente.
4	Traduzir literalmente, acrescentando nota explicativa.
5	Explicitar a expressão no texto.
6	Empregar um equivalente pragmático.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Desse modo, em um extremo, há a possibilidade de apenas transcrever a expressão original, como no caso de “Halloween”, uma festa típica estadunidense bastante conhecida no Brasil. Dependendo do público-alvo, pode-se acrescentar uma nota explicativa sobre o idiomatismo. Outra possibilidade apresentada pela autora é traduzir literalmente a expressão, Tagnin (1988) salienta que, caso não se trate de uma equivalência pragmática, faz-se necessário o uso de nota explicativa contendo a diferença entre as duas culturas. A estratégia de explicitação consiste na explicação do termo incorporada ao texto, no lugar de sua respectiva tradução. Por fim, no outro extremo, a autora sugere o emprego de um equivalente pragmático, que é aquele empregado em uma mesma situação de uso em ambas as culturas. Tagnin (1988) exemplifica com a expressão “muito prazer”, que é o equivalente pragmático da expressão em língua inglesa “how do you do?”.

Tendo percorrido sobre as teorias base deste estudo, trazemos informações da metodologia utilizada.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório de cunho qualitativo realizado por meio de uma análise comparativa entre texto de partida em língua portuguesa do Brasil e texto de chegada em língua inglesa. A análise realizada foi de conteúdo e abordou as escolhas lexicais e as estratégias de tradução, de acordo com Tagnin (1988).

Os idiomatismos foram identificados no texto de partida, em português do Brasil, e as respectivas traduções foram verificadas na versão da obra “Cinzas do Norte” em inglês britânico. Em seguida, oito foram selecionados para compor a análise deste estudo, que traz quadros apresentando esses idiomatismos e suas respectivas traduções. Na sequência, foi feita a verificação das escolhas tradutórias na obra traduzida em língua inglesa, para então discutilas com base nos Estudos das Tradução. Por fim, propusemos adequações quando relevante e fizemos a recomendação de recursos para o tradutor.

Conforme dito na introdução, os objetos de estudo são a obra *Cinzas do Norte*, escrita por Milton Hatoum, publicada em 2005, e sua respectiva versão em inglês *Ashes of the Amazon*, traduzida por John Gledson, em 2008. A obra recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance em 2006. Segue abaixo imagens das capas de ambas as obras:

Figura 1 – Capa dos objetos de estudo



Cinzas do Norte é um relato de memórias uma família e seus conflitos. Lavo narra a história de seu amigo Mundo, um garoto com inclinações artísticas com um pai autoritário. O relato não segue um ritmo linear e cronológico e é intercalado com cartas escritas por Ranulfo, tio de Lavo, e por alguns capítulos narrados por Mundo. A obra é ambientada na Manaus dos anos 60 e 70, período em que havia sido instaurada a ditadura militar no Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, foi realizada a análise das soluções tradutórias para os idiomatismos e sua respectiva discussão. Xatara (1998) define idiomatismo como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (p. 149). Em outras palavras, os idiomatismos são construções próprias de uma língua, cujo significado não pode ser compreendido pelo significado individual de seus termos constitutivos e cuja forma foi convencionalizada pelos falantes da língua.

O primeiro idiomatismo analisado é “ao deus-dará”, o qual aparece no capítulo quatro da obra para se referir ao estilo de vida errante do personagem Ranulfo. Ao longo da obra, ele é apresentado ao leitor como um homem boêmio, de espírito livre e amante dos prazeres. Na tabela 1, observa-se o idiomatismo no texto de partida e sua respectiva tradução no texto de chegada, bem como a estratégia de adaptação empregada pelo tradutor:

Tabela 2 – Idiomatismo “ao deus-dará”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
[...] Ranulfo era um devasso, péssimo exemplo de homem: não se aquietava nunca, vivia ao deus-dará (p. 27).	[...] Ranulfo was debauched, a man of the worst kind: he never settled down, lived on the hoof (p. 45).	Equivalente pragmático.

Fonte: elaborada pelas autoras.

De acordo com o Dicionário Priberam (©2021), “ao deus-dará” significa “sem um plano ou sem a reflexão necessária; ao acaso, à toa, à ventura”. Nesse sentido, Ranulfo é um homem que vive sem muita preocupação ou planejamento; é um homem entregue à própria sorte.

Na versão para a língua inglesa, John Gledson fez uso do idiomatismo “lived on the hoof”, que significa, segundo o dicionário Collins (©2021), “in an impromptu manner”, isto é, de maneira impensada, sem planejamento. No corpus do dicionário Longman (©1996-2021 Pearson), verificamos um uso do idiomatismo “lived on the hoof” em contexto semelhante ao mencionado aqui: “Changes were being made on the hoof, and no records were being kept of what was being done and by whom”.

Desse modo, podemos observar que o tradutor compreendeu o sentido da expressão em português, já que existe uma correspondência entre os idiomatismos e eles possuem um sentido

equivalente considerando a situação de uso. Assim, a estratégia adotada pelo tradutor foi pelo uso de um equivalente pragmático, pois podemos considerar que “ao deus-dará” e “lived on the hoof” são idiomatismos empregados “numa mesma situação em culturas diferentes” (TAGNIN, 1988, p. 45).

Na sequência, analisamos o idiomatismo “não dar um pio” localizado no capítulo dezoito da obra. A expressão é utilizada por Ranulfo para indicar a pouquíssima comunicação verbal que havia em seu casamento. Ele e sua esposa, Algiza, comunicavam-se com frases curtas, as quais, com o tempo, foram reduzidas a monossílabos, expressões faciais e gestos. Na tabela 2, podemos verificar como John Gledson traduziu o idiomatismo “não dar um pio” para “said nothing” e qual estratégia foi utilizada por ele:

Tabela 3 – Idiomatismo “sem dar um pio”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“[Algiza] Disse: “Não gosto de ouvir voz masculina nem de ver sangue”. Escutei sem dar um pio , e isso facilitou nossa vida conjugal durante a temporada no Médio Amazonas” (p. 121).	“She said: ‘I don’t like to hear masculine voices or to see blood’. I listened to her and said nothing , and that made our married life on the middle reaches of the Amazon easier” (p. 243).	Explicitação da expressão original.

Fonte: elaborada pelas autoras.

O dicionário *Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX* (NOGUEIRA, 2017) define a expressão “não dar um pio” como “não dizer nada, não se manifestar”. Já o dicionário *Léxico* (©2009-2021) define como “não dizer absolutamente nada”. Nesse contexto, esta expressão assinala o fato de que Ranulfo escutou quieto ao que Algiza disse a ele, e essa ausência de comunicação verbal se tornou um hábito entre eles.

Na versão em língua inglesa, o idiomatismo foi traduzido para “said nothing”, cujo significado em língua portuguesa é “não disse nada” (tradução nossa). Desse modo, a versão contém o mesmo sentido da expressão original.

Assim, podemos observar que foi utilizada a estratégia de explicitação, que de acordo com Tagnin (1988), consiste na explicação do termo incorporada ao texto, uma vez que na versão em língua inglesa foi feita uma explicação do sentido do idiomatismo presente na obra original.

O próximo idiomatismo analisado é “corda bamba”, o qual está localizado no capítulo cinco da obra. O narrador, Lavo, faz uso desse idiomatismo para se referir à condição financeira de sua própria família. Lavo morava com sua tia Ramira, uma costureira renomada na cidade e quem sustentava a casa, e com seu tio Ranulfo, que torrava o dinheiro que ganhava com seu estilo de vida errante e vivia “ao deus-dará”. Na tabela 3, temos o idiomatismo na obra original, como ele foi vertido no texto de chegada e qual a estratégia utilizada.

Tabela 4 – Idiomatismo “corda bamba”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Quando chove, que acontece com a família dele?”, [Ramira] se perguntou, talvez pensando no risco da nossa própria família, que vivia na corda bamba ” (p. 43).	“When it rains what happens to his family?” she wondered, perhaps thinking of the risks our own family ran, always living from hand to mouth ” (p. 81).	Equivalente pragmático.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Segundo o dicionário Priberam (©2021), o idiomatismo “corda bamba” significa “situação perigosa ou instável”. Com base nisso, pode-se entender que, no contexto apresentado acima, o idiomatismo se refere à condição financeira instável vivida pela família de Lavo.

Na versão em língua inglesa, o tradutor fez uso da expressão “live from hand to mouth”. De acordo com o dicionário Cambridge (©Cambridge University Press 2021), esse idiomatismo significa: “to have just enough money to live on and nothing extra”, ou seja, ter apenas dinheiro para viver e nada mais. Para verificar a expressão “to live from hand to mouth” em um contexto autêntico de uso, buscamos na ferramenta de *corpora* SkELL (©2014-2021): “A few years ago Glen Robins was unemployed and living from hand to mouth”. Desse modo, podemos observar que a expressão é usada pelos falantes da língua no mesmo contexto mencionado anteriormente.

Desse modo, ambos idiomatismos empregados possuem um sentido equivalente levando em consideração a situação de uso. Logo, constatou-se que a estratégia empregada foi de equivalência pragmática (TAGNIN, 1988).

Em seguida, temos mais um idiomatismo utilizado por Ranulfo, cuja fala é caracterizada pelo uso desse tipo de linguagem popular. Dessa vez, o idiomatismo usado pelo personagem foi “carne e unha”, localizado no capítulo 10, ao se referir ao relacionamento de Jano com o prefeito de Manaus e com o diretor do Colégio Militar. Na Tabela 5, é apresentado o idiomatismo em língua portuguesa, como ele foi vertido, “hand in glove”, e a estratégia utilizada, equivalência pragmática.

Tabela 5 – Idiomatismo “carne e unha”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Jano é carne e unha com o prefeito e com o diretor do Colégio Militar” (p. 73).	“Jano is hand in glove with the prefect and the director of the Military School” (p. 142).	Equivalente pragmático.

. Fonte: elaborada pelas autoras.

O dicionário Informal (©2006-2021) define o idiomatismo “carne e unha” como “aquilo que está sempre junto de outro” e o Dicionário On-line de Língua Portuguesa (©2009-2021) define o mesmo idiomatismo como “duas pessoas que vivem em muita intimidade”. Desse modo, entendemos que a expressão “carne e unha” utilizada na obra em língua portuguesa se refere ao relacionamento próximo e íntimo de Jano com o prefeito de Manaus e com o diretor do Colégio Militar.

Na versão em língua inglesa, esse idiomatismo foi traduzido como “hand in glove”. O dicionário Merriam-Webster (©2021) define esse idiomatismo como “in extremely close relationship or agreement” (em um relacionamento muito próximo ou acordo). Para apresentar esse idiomatismo em um contexto real de uso, fizemos uma busca na ferramenta de corpora SkELL (©2014-2021): “In this way, the development of language and cultural competence work together hand in glove”. A partir disso, vemos que o idiomatismo é usado realmente com o sentido de “em um relacionamento muito próximo”.

A partir disso, podemos concluir que os idiomatismos empregados possuem um sentido semelhante levando em consideração a situação de uso. Logo, a estratégia utilizada foi a de equivalência pragmática (TAGNIN, 1988).

O próximo idiomatismo analisado é “perna-de-pau”, o qual é utilizado por Ranulfo no capítulo três para se referir a uma mulher que dança mal. Ele estava em uma festa e dançou, segundo ele, com “uma grã-fina que não sabia dançar [...] banhada de um perfume tão forte que não senti o cheiro de seu corpo” (p. 25). Após dançar com essa mulher, ele tornou a pensar em Alícia, mulher pela qual era apaixonado, e dançou ainda com outra mulher à qual ele se referiu como “outra perna-de-pau” (ibidem). Na tabela 6, trouxemos um pouco do contexto em que a frase é utilizada, como foi vertida e qual a estratégia empregada.

Tabela 6 – Idiomatismo “perna-de-pau”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Ainda dancei com mais uma perna-de-pau e senti o mesmo perfume enjoativo, capaz de nausear um cavalo” (p. 25).	“I danced with another beanpole and smelt the same nauseous perfume, enough to make a horse throw up” (p. 41).	Equivalente pragmático.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Conforme o dicionário Priberam (©2021), o idiomatismo “perna-de-pau” se refere a uma pessoa desajeitada. Por isso, com a ajuda do contexto dado acima, concluímos que “perna-de-pau” se refere a uma pessoa que não sabe dançar.

Na tabela 6, vemos que o idiomatismo “perna-de-pau” foi traduzido para a língua inglesa como “beanpole”. Segundo o dicionário Collins (©2021), “beanpole” significa “a tall, lanky person”, em português, uma pessoa alta e desengonçada. O dicionário Longman (©1996-2021) traz um exemplo dessa expressão em seu *corpora*: “Richie Collis was twenty, with short curly hair, a wispy chin beard, and long beanpole legs.”

Levando em consideração o exposto acima, vemos que os idiomatismos “perna-de-pau” e “beanpole” são equivalentes pragmáticos (TAGNIN, 1988) já que possuem sentidos semelhantes, considerando a situação de uso.

Na sequência, temos o idiomatismo “não arredar o pé” localizado no capítulo 18. O personagem Jano raramente saía de seu palacete à noite, o que frustrava muito sua esposa, Alícia. Na tabela 7, trouxemos um pouco de contexto do idiomatismo, como ele foi vertido na obra em língua inglesa e qual a estratégia utilizada pelo tradutor.

Tabela 7 – Idiomatismo “não arredar o pé”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Tua mãe lamentava não poder beber nem dançar na Gladstone nem em nenhum outro clube da cidade, pois passava suas noites mortificadas no palacete, de onde Jano não arredava o pé” (p. 123).	“Your mother was sorry she couldn’t drink or dance in the Gladstone or any other club in the city, because she spent her evenings in frustration in the mansion, and Jano wouldn’t set foot outside it” (p. 247).	Equivalente pragmático.

Fonte: elaborada pelas autoras.

O dicionário Michaelis (©2021 Editora Melhoramentos Ltda.) define “não arredar o pé” como “a) ficar num determinado lugar; b) não ceder em algo; não mudar de opinião”. Assim, entendemos que esse idiomatismo significa que Jano não saía de seu palacete à noite.

O idiomatismo “não arredar o pé” foi vertido para a língua inglesa como “set foot outside”. Segundo o dicionário Cambridge (©2021 Cambridge University Press), “set food outside” significa “to go to a place”, ou seja, ir a um lugar. No corpus do dicionário Longman (©1996-2021 Pearson), verificamos um uso do idiomatismo “set foot outside” em contexto semelhante a “ir a um lugar”: “However, he had never set foot in the village again”.

Nesse sentido, os idiomatismos possuem sentidos similares levando em consideração a situação de uso, por isso, a estratégia utilizada foi a de equivalência pragmática (TAGNIN, 1988).

Por fim, analisamos o idiomatismo “encher o bucho”, localizado no capítulo 18. O personagem Ranulfo usa essa expressão para dizer que as dançarinas e cantoras se esforçam para conseguir comprar alimento e se sustentar financeiramente. Na tabela 8, há o idiomatismo

na língua de partida, bem como a versão na língua de chegada e qual a estratégia empregada pelo tradutor.

Tabela 8 – idiomatismo “encher o bucho”

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Essas guerreiras dão um duro danado pra encher o bucho ” (p. 118).	“Those girls work their asses off to fill their stomachs ” (p. 238).	Explicitação da expressão original.

Fonte: elaborada pelas autoras.

De acordo com o Dicionário Informal (©2006-2021), o idiomatismo “encher o bucho” significa “comer, se alimentar”, ou seja, Ranulfo utilizou esse idiomatismo para se referir ao esforço daquelas meninas para poderem se alimentar. O tradutor verteu essa expressão para o inglês como “to fill their stomachs”, ou seja, “para encher suas barrigas”. Desse modo, a versão contém o mesmo sentido que o original.

Assim, concluímos que a estratégia de adaptação utilizada é a de explicitação, já que foi feita uma explicação do sentido do idiomatismo presente no original (TAGNIN, 1988).

Por fim, temos o idiomatismo “a torto e a direito” utilizado pelo personagem Ranulfo no capítulo 18. Ele desaparecia com frequência, sem avisar, e tinha o hábito de mentir sobre seus paradeiros para a irmã. Esse hábito acabou se espelhando em sua profissão de locutor de rádio, pois, em cada transmissão, ele inventava uma história diferente sobre alguma aventura ou viagem.

Na Tabela 4, temos o idiomatismo usado na obra original, como ele foi vertido pelo tradutor e qual a estratégia utilizada.

Tabela 9 – Idiomatismo “a torto e a direito”

(continua)

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
“Inventei pra Ramira uma história que depois contei em várias transmissões do programa Meia Noite Nós	“Invented a story for Ramira which I later recounted in several transmissions of the programme Midnight and Just	Possível busca por equivalência

Tabela 9 – Idiomatismo “a torto e a direito”
(conclusão)

ORIGINAL	VERSÃO	ESTRATÉGIA
Dois, e em cada programa, inventava a torto e a direito uma viagem cheia de peripécias e encontros amorosos” (p. 121).	the Two of Us, and in each programme, I invented, one way or another , a journey full of adventures and amorous encounters” (p. 244).	Possível busca por equivalência

Fonte: elaborada pelas autoras.

O Dicionário Priberam (©2021) define “a torto e a direito” como “à toa, às cegas, para todos os lados, irrefletidamente”. Assim, entendemos que essa expressão indica que Ranulfo inventava histórias indiscriminadamente, em excesso.

Na versão em língua inglesa, essa expressão foi traduzida como “one way or another”. O dicionário Cambridge (©Cambridge University Press 2021) define esse idiomatismo como “in some way that is not stated; in any way that is possible; using any method possible”. A partir disso, notamos que o idiomatismo em língua inglesa não tem um significado semelhante ao do idiomatismo em língua portuguesa, ou seja, o tradutor pode ter optado pelo uso da estratégia de equivalência ou equivalência pragmática, mas sem sucesso.

Para a expressão “a torto e a direito”, o tradutor poderia ter trazido como equivalente a expressão em língua inglesa “left and right”, definida pelo dicionário Merriam-Webster (©2021 Merriam-Webster, Incorporated) como “in an uncontrolled way”, e tida como sinônimo de “a lot” pelo Urban Dictionary (©1999-2021). Ele poderia, ainda, ter explicitado o significado da expressão, optando pelo termo “indiscriminately”, por exemplo.

A fim de trazer exemplos autênticos das sugestões citadas acima, fizemos uma busca na ferramenta de *corpus* SkELL (©2014-2021). Para a expressão “left and right” encontramos: “With bodies dropping left and right, suspicions are aroused.” Para o termo “indiscriminately” encontramos: “It was reported that gunmen fired indiscriminately towards the crowd”.

Finalizamos esta seção salientando a relevância da busca em ferramentas de *corpora*, já que essas ferramentas não apenas apresentam uma opção correta, como a mais natural e de uso corrente pelos falantes da língua sob investigação (TAGNIN, 2002). Recomendamos as ferramentas *Sketch Engine for Language Learning (SkELL)*, o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o *Corpus of Contemporary American English (CoCA)*, e o *Corpus*

Grammar. A partir dessas ferramentas, o tradutor poderá garantir uma tradução em linguagem natural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto, verificamos as escolhas tradutórias para idiomatismos encontrados na obra *Ashes of the Amazon*, bem como as estratégias utilizadas. A análise comparativa demonstrou que todos os idiomatismos analisados foram adaptados na tradução. Essa adaptação ocorreu por meio de estratégias distintas, a saber, equivalência pragmática e explicitação, ambas definidas pela autora Tagnin (1988).

Com seu amplo conhecimento da literatura e cultura brasileiras, o tradutor John Gledson obteve sucesso em traduzir a carga cultural dos idiomatismos presentes em *Cinzas do Norte*. Ele conseguiu captar o sentido de grande parte dos idiomatismos analisados, apresentando soluções tradutórias adequadas. Assim, optamos por sugerir uma nova tradução apenas para o idiomatismo “a torto e a direito”, uma vez que a solução tradutória apresentada por John Gledson nesse caso, “one way or another”, não era equivalente.

Pudemos observar, também, que John Gledson soube mesclar as abordagens estrangeirizadora e domesticadora, visto que não ocultou diferenças culturais ou linguísticas, traduzindo as expressões idiomáticas de modo compreensível.

REFERÊNCIAS

ALBIR, Amparo Hurtado. Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 19-57.

ALVES, Emanuel Henrique; CECÍLIO, Giseli Aparecia; ORENHA-OTTAIANO, Adriane. O uso da ferramenta *Skell* como recurso pedagógico para a formação de professores e o ensino de língua estrangeira. **Linguística, Letras e Artes e as novas perspectivas dos saberes científicos** 3. Ponta Grossa: Atena, 2020, p. 151-166.

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, 5(1), 1º semestre de 1998, p. 99-128.

BASSNET, Susan. **Translation**. London: Routledge, 2014.

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira; VIEIRA, Else R. P. Sir Richard Burton e Elizabeth Bishop: Pioneiros na tradução da literatura brasileira em língua inglesa. *Ipotesi* 13(1): 13-25. 2009.

MCENERY, Tony; HARDIE, Andrew. **Corpus Linguistics**: method, theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MELO, Cimara Valim de. Mapping Brazilian Literature Translated into English. *Modern Languages Open*. 2017. DOI: <http://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.124>.

NOGUEIRA, Ismael David; SILVA, Armando Honório **Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural do Brasil central no século XX**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. A tradução dos idiomatismos culturais. **Trab. Ling. Apl.**, Campinas, (11), p. 43-52, jan./jun. 1988.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 9, p. 191-219, 2002.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**: a history of translation. London: Routledge, 1995.

XATARA, Claudia; RIVA, Huelinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de tradução**, v. 2, n. 8, p. 183-194, 2001.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 42(n.esp.), p. 147-159, 1998.